

A VIDA E A LUTA DE FREIRAS NEGRAS NOS ESTADOS UNIDOS DO SÉCULO XIX AOS DIAS ATUAIS

WILLIAMS, Shannen Dee. **Subversive Habits: Black Catholic Nuns in the Long African American Freedom Struggle**. Durham: Duke University Press, 2022. 424 p.

Letícia Rocha¹

Subversive Habits: Black Catholic Nuns in the Long African American Freedom Struggle (Hábitos Subversivos: Freiras² Católicas Negras na longa luta pela liberdade afro-americana, em tradução própria³), foi publicado em 2022, pela Duke University Press, Estados Unidos, escrito pela Drª Shannen Dee Williams, primeira a oferecer à academia e à sociedade a história completa de freiras negras estadunidenses. Ela é professora na Universidade de Dayton – Ohio – Estados Unidos, historiadora de mulheres negras e da experiência afro-americana. O livro foi bastante aclamado e recebeu vários prêmios, dentre eles: o Prêmio Letitia Woods Brown, de 2022, e o Prêmio Wesley-Logan, de 2023.

O livro aqui resenhado revela a história oculta de racismo, luta, apagamento, omissão e invisibilidade sofrida por freiras negras nos Estados Unidos. E demonstra como o ativismo dessas mulheres impulsionou mudanças estruturais na igreja ao questionar a relação com a escravidão, o colonialismo e a segregação. Williams descreve sua obra como um projeto de “recuperação e correção histórica”, visando resgatar as vozes dessas mulheres cujas vidas e o ativismo foram sistematicamente ignorados.

O texto traça um retrato cronológico emoldurado da vida religiosa nos Estados Unidos ao desvelar a igreja católica e o seu papel na introdução da escravização de pessoas africanas – apontando a segregação racial que ocorreu também no interior dessa instituição. Após quase 100 anos da chegada de irmãs brancas europeias consideradas aptas a ministrar no país,



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

¹ Doutoranda em Ciências Sociais -UNIFESP; E-mail: leticia.rocha19@unifesp.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5158-9631>.

² A autora usa indistintamente as nomenclaturas freira e irmã, embora advira que haja diferença entre elas. Freira diz respeito à mulher que vive em um ambiente de clausura com restrições ao contato com o mundo exterior. Irmã é aquela que está inserida em obras públicas e populares, colégios, hospitais, obras sociais, paróquias (Williams, 2022). Entretanto, cabe dizer que no Brasil não há distinções nesse sentido, embora comumente se utilize mais o termo irmã, inclusive na literatura atinente ao tema. Já o termo freira quase não se usa atualmente.

³ Sem tradução para o português.

a hierarquia católica americana e europeia, por fim, admitiu a entrada de mulheres e meninas de ascendência africana na vida religiosa. Nesse sentido, ingressar em uma congregação religiosa representava um ato de resistência à supremacia branca e aos abusos sexuais perpetrados contra mulheres negras encontrados nos sistemas desumanizantes instituídos no país (Williams, 2022).

O livro exerce uma crítica contundente à igreja católica ao escancarar o racismo existente em seus organismos internos – nesse caso, a vida consagrada –, e como esse era frequentemente um bastião da supremacia branca e da separação. Ademais, expõe como essa instituição cristã perpetuou o racismo e a segregação em seu interior, consolidando entraves para a luta por justiça racial e igualdade entre seus membros. Atentamos que esse é um tema bastante silenciado e ocultado das narrativas da igreja católica. Nas palavras da autora (Williams, 2022, p.18 – tradução própria): “Durante muitos anos, estudiosos da história americana católica e negra declararam, inconsciente ou conscientemente, por meio de deturpações, marginalizações e apagamentos, que a história de freiras católicas não tinha importância”⁴. Dessa forma, o livro tem a função e o desafio de enunciar que a vida de freiras negras importa.

A obra está dividida em sete capítulos, além de notas e apêndices, que oferecem uma ampla visão do tema, provocando e iluminando aquelas e aqueles que a tomam como leitura. Provoca, no sentido de trazer urgentemente ao debate, o racismo que permeia os espaços religiosos, principalmente experimentado por mulheres negras. E ilumina as lutas travadas pelas irmãs negras pelo reconhecimento do trabalho exercido no desenvolvimento do catolicismo nos EUA, bem como o papel relevante que essas mulheres tiveram em diversos períodos no país. Por fim, amplia os horizontes sobre a participação de mulheres negras na igreja católica e na vida religiosa – desde uma perspectiva interseccional e do feminismo em sua vertente negra. Após essa apresentação do livro e de sua autora, mergulhemos nos principais assuntos nele abordados.

Os capítulos, em sua totalidade, se entrecruzam ao narrar extensamente a vida de irmãs negras pelo país, destacando seus nomes, suas respectivas congregações, seu engajamento político, social e eclesial. São assuntos costurados pela autora com bastante maestria e conhecimento. Ao perfazer mais de dois séculos de história, os capítulos enunciam aspectos

4 No original: “For far too long, scholars of the American, Catholic, and Black pasts have unconsciously or consciously declared, by virtue of misrepresentacion, marginalization, and outright erasure, that the history of Black Catholic nuns does not matter”.

singulares da sociedade estadunidense no que diz respeito à escravização de pessoas advindas da África, as leis restritivas impostas pela Jim Crow (1867-1965), geradoras da segregação racial, os movimentos por direitos civis e o Black Power. E o reflexo dessas ações no bojo da igreja católica, causando tensionamentos e impedindo que pessoas negras acessassem as congregações. Sobrepujam os enfrentamentos envidados pelas irmãs, principalmente no campo da educação católica, de modo a incluir pessoas negras, visto que a maioria que ensinava em escolas negras eram irmãs e padres brancos que, não raras vezes, reforçavam a superioridade branca para subalternizar pessoas negras, contribuindo para minar possíveis vocações desse grupo à vida consagrada.

A autora descreve profusamente sobre a emergência do movimento de direitos civis (1954-1968) e a efetiva participação de freiras negras nas marchas por esses direitos em todo o país. Esses eventos foram fundamentais para que elas pudessem levar, para o interior da igreja, o fervor que movia aqueles movimentos por liberdade, direitos e igualdade. Importante salientar que, naquele mesmo tempo, estava ocorrendo o Concílio Vaticano II (1962-1965), caracterizado por intensas mudanças no tecido eclesial católico, e que favoreceu a recepção das ideias advindas desses ambientes externos. Conforme Williams (2022, p. 149 – tradução própria) expressa, “o Vaticano II encorajou uma celebração da diversidade étnica na igreja”⁵.

Em meio a inúmeras frentes assumidas pelas religiosas, se destaca fortemente a fundação do NBSC – National Black Sisters’ Conference⁶ em 1968, em Pittsburgh-Pensilvânia. Essa organização centralizou as experiências e vivências das irmãs negras. Objetivava reformar a igreja no que diz respeito ao racismo e ao sexismo, bem como visibilizar suas lutas e a sua importância na sociedade. O trabalho político e social das religiosas negras agrupadas no NBSC foi fundamental para quebrar estereótipos de raça, classe, gênero e sexo na igreja.

Os capítulos finais da obra recuperam os esforços das irmãs negras nas últimas décadas do século XX e na entrada do século XXI para responder às crises que acometiam a educação católica negra e as perdas vocacionais ocorridas nesse período. É um tempo marcado pelas instabilidades na vida religiosa devido à renúncia de inúmeras pessoas e à morte de irmãs que foram fundamentais para o embate antirracista no país. Mas também mostra os esforços para preservar a vida consagrada, a educação e o apoio às mulheres religiosas na África, visto que há um aumento no número de religiosas nesse continente.

5 No original: “Vatican II encouraged a celebration of the Church’s ethnic diversity”.

6 Conferência Nacional de Irmãs Negras (em tradução própria).

Na construção da pesquisa, Williams utilizou-se de um referencial teórico focado nos estudos de historiadoras, no feminismo negro, na história oral, em documentos eclesiásticos e das congregações envolvidas nesse estudo e em material empírico, composto por entrevistas de irmãs de diversos institutos religiosos. A investigação iniciou-se em 2007 e durou mais de 10 anos, culminando nessa prestigiosa obra sobre a vida religiosa feminina negra. Naquela ocasião, ela examinava edições de jornais de propriedade de pessoas negras, e se deparou com a foto de quatro irmãs negras. Aquela foto causou certo impacto na autora, que, embora afirme ser uma católica de longa data, nunca havia visto uma irmã negra, exceto nos filmes hollywoodianos.

Essa iminente descoberta moveu a autora a uma extensa pesquisa bibliográfica e documental, com o intuito de entender e aprofundar as raízes da invisibilidade de religiosas negras na história do país. Williams (2022, p. 17 – tradução própria) afirma: “Eu recupero as vozes de um grupo de religiosas negras americanas cujas vidas, trabalhos e lutas foram sistematicamente ignorados, rotineiramente descartados como insignificantes e muitas vezes reduzidos a mito”⁷.

Ao se referir a mito, a autora faz menção e, ao mesmo tempo, uma crítica ao filme/comédia *Mudança de hábito*, lançado em 1992, que conta a história de Dolores Van Cartier/irmã Mary Clarence, protagonizado pela atriz Whoopi Goldberg. Ela é uma cantora que, ao presenciar um assassinato cometido por seu namorado, tem sua vida colocada em risco e precisa ser protegida. Nesse ínterim, ela é conduzida para um convento e se disfarça de freira, com o nome Mary Clarence. Ao tentar se adaptar à sua nova vida como religiosa, ela torna-se uma figura extrovertida e com pouca credibilidade diante das pessoas – e mesmo da sua superiora geral, que desaprova sua conduta (*Mudança de Hábito*, 1992). A controvertida e ambígua personagem, na visão de Williams, reforça a tese de como a história das irmãs negras foi desvirtuada e apagada.

A nosso ver, a personagem se adequa ao conceito de racismo recreativo, termo cunhado pelo professor e jurista Adilson Moreira (2024, p. 173), que consiste no “uso estratégico do humor hostil contra pessoas negras, permitindo pessoas brancas e instituições, controladas por pessoas brancas, expressarem desprezo e ódio por pessoas não brancas”. Essas práticas ecoam e perpetuam estereótipos que reduzem pessoas negras a alcoólatras, incapacitadas intelectualmente, subservientes, preguiçosas, mau-caráter, ou até alguém que é extrovertida ou desajeitada e causa risos, como a

⁷ No original: “I recover the voices of a group of Black American churchwomen whose lives, labors, and struggles have been systematically ignored, routinely dismissed as insignificant, and too often reduced to myth”.

personagem do filme mencionado. Figuras como irmã Mary Clarence, usada para entreter nas telas de cinema, contribuíram para perpetuar, no imaginário social, o desconhecimento relacionado à trajetória da mulher negra na vida religiosa e o apagamento da luta e do ativismo encampado por elas nos Estados Unidos desde muitos anos.

Considero importante, nessa discussão, mencionar que o racismo se manifestou de modo mais evidente e aberto nos Estados Unidos, com a segregação imposta pelo apartheid e as leis Jim Crow (Sodré, 2023). Esses instrumentos favoreceram o reconhecimento da existência do racismo, a delimitação da identidade racial mais definida, mas, também, para o combate antinegro no cerne da sociedade. Esse reconhecimento racial e do racismo na sociedade foram os imperativos que fizeram as irmãs negras unirem forças pelo fim dessa situação, que atravessava as estruturas sociais e eclesiás. Embora o livro de Williams se concentre nos Estados Unidos, suas análises sobre vida religiosa, racismo e invisibilidade ressoam fortemente na realidade brasileira.

Diferentemente dos EUA, no Brasil, o racismo foi uma dimensão negada em função do que ficou conhecido como democracia racial ou o mito da democracia. Este constructo se refere à falácia, à manipulação que as classes abastadas brancas utilizaram para permanecerem com seus privilégios. Em contrapartida, a população negra se manteve marginalizada e distante de ascender acadêmica, social e economicamente devido a tais manipulações (Nascimento, 2019). Esse pensamento perpassou e se perenizou nas estruturas sociais e eclesiás do país, causando prejuízos sociais, culturais, econômicos, religiosos e acadêmicos às pessoas negras.

Corolário desse racismo incutido no tecido social e religioso brasileiro, mulheres e homens negros serão admitidos na vida religiosa somente após a abertura ocorrida na igreja proporcionada pelo Vaticano II. Antes era vetada a entrada dessas pessoas na vida consagrada. A primeira congregação religiosa no Brasil a quebrar esse veto foi a das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado (Beozzo; Costa; Santo; Silva, 2009), criada em 1928 na cidade de Campinas, interior de São Paulo. No entanto, essas mulheres ingressaram para compor o que era chamado classe das oblatas, que se referia a trabalho – eram elas que realizavam todos os serviços domésticos da casa. E havia a classe das coristas, composta pelas irmãs brancas que eram aptas aos serviços de gestão e governo da congregação. Ambas as classes foram extintas a partir de 1965, após o Concílio Vaticano II.

O Brasil é um país de maioria de pessoas negras e pardas, ou seja, 55% da população, segundo dados do último Censo demográfico de 2022 (IBGE,

2022). Essa maioria, a nosso ver, também se encontra na vida religiosa. Entretanto, ao buscar fontes em organismos eclesiásticos como CRB e CNBB⁸, que pudessem apoiar esta nossa hipótese, verificamos que não há a existência de dados relacionados ao número de religiosas e religiosos negros nas congregações estabelecidas no país. Esse dado aponta que a trajetória e o agenciamento de mulheres negras na vida religiosa é uma história ainda a ser contada no Brasil.

As irmãs negras evocadas em *Subversive Habits: Black Catholic Nuns in the Long African American Freedom Struggle* foram atrizes sociais e religiosas importantes na construção da sociedade e na igreja americanas nesses últimos dois séculos, no âmbito político, no movimento de direitos civis, no movimento segregacionista, no Black Power, na educação, na cultura, na arte e na teologia, principalmente, a teologia mulherista, a teologia negra e o feminismo negro, dentre outras contribuições.

Efetivamente, este livro oferece uma contribuição inédita para os estudos acadêmicos sobre vida religiosa feminina, campo ainda incipiente no Brasil (Nunes, 1985; Fonseca, 2000; Leonardi, 2010; Bidegain, 2014; Custódio, 2014), principalmente desde uma ótica interseccional que evidencie mulheres negras e outros grupos sistematicamente marginalizados. As pesquisas sobre esse fenômeno ainda se encontram, em sua grande maioria, focadas na categoria gênero, lançando mão de outros marcadores da diferença que seriam fundamentais para uma visão mais aprofundada das questões que envolvem vida religiosa e a feminilidade negra.

Ao revestir essa lacuna nos estudos sobre vida religiosa, o livro também convida a um olhar mais atento à vida, às lutas, às experiências e aos saberes e fazeres de mulheres negras no bojo da igreja e da vida religiosa. E, quem sabe, possa iluminar e inspirar pesquisas que enunciem essas mulheres, como também impulsionar estratégias para a luta antirracista na vida religiosa em terras brasileiras.

Referências

BEOZZO, José Oscar; COSTA, Raimunda R.; SANTO, Maria Fidêncio E.; SILVA, Geralda F. (orgs.). **Tecendo memórias, gestando futuro**: história das Irmãs Negras e Indígenas Missionárias de Jesus Crucificado (MJC). São Paulo: Paulinas, 2009.

BIDEGAIN, Ana María. Una historia silenciada, no reconocida, ignorada, ocultada, invisibilizada: la vida religiosa femenina en la historia brasileña e

hispano-americana. **Rever**, ano 14, n. 2, p. 13-73, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/21743/16017>. Acesso em: 12 set. 2025.

CUSTÓDIO, Maria Aparecida Corrêa. **A invenção do cotidiano feminino. Formação e trajetória de uma congregação católica – 1880-1909**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2014.

FONSECA, José Dagoberto. **Negros Corpos (I)maculados**: mulher, catolicismo e testemunho. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LEONARDI, Paula. **Além dos espelhos**: memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas. São Paulo: Paulinas, 2010.

MOREIRA, Adilson José. **Letramento Racial**. Uma proposta de reconstrução da democracia brasileira. São Paulo: Contracorrente, 2024.

MUDANÇA DE HÁBITO. Direção de Emile Ardolino. 1992 (filme, 1h40min). Sinopse disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-28351/>. Acesso em: 9 ago. 2025.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Documentos de uma militância Pan-Africanista. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NUNES, Maria José Rosado. **Vida Religiosa nos meios populares**. Petrópolis: Vozes, 1985.

SODRÉ, Muniz. **O Fascismo da cor**. Uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis: Vozes, 2023.

WILLIAMS, Shannen Dee. **Subversive Habits: Black Catholic Nuns in the Long African American Freedom Struggle**. Durham: Duke University Press, 2022.

Recebido em agosto de 2025.

Aprovado em outubro de 2025.